

**REDE SOCIAL COMO FERRAMENTA PARA ALIMENTAR ACERVOS  
INSTITUCIONAIS: O CASO DO CENTRO DE HISTÓRIA & MEMÓRIA DA  
UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA (CEHVAP)**

**SOCIAL NETWORK AS A TOOL TO FEED INSTITUTIONAL COLLECTIONS: THE CASE  
OF THE CENTER OF HISTORY & MEMORY OF THE UNIVERSIDADE DO VALE DO  
PARAÍBA (CEHVAP)**

Maria Helena Alves da Silva<sup>1</sup>, Maria Aparecida Chaves Ribeiro Papali<sup>2</sup>, Valéria Regina Zanetti<sup>3</sup> e Ana Enedi Prince<sup>4</sup>

**Resumo:** Este estudo, de natureza descritiva, pautado em análise qualitativa e quantitativa por meio de relato de experiência no campo da netnografia, instrumento etnográfico que analisa as publicações de grupos sociais na internet, tem como objetivo apresentar a divulgação do acervo do Centro de História & Memória da Universidade do Vale do Paraíba (CEHVAP/Univap) na rede social *facebook* e o monitoramento da página, com suas métricas, desde o ano de 2017, quando a página foi criada. O CEHVAP tem como objetivo gerir a documentação histórica da Univap - universidade comunitária sem fins lucrativos, com sede em São José dos Campos, no Vale do Paraíba Paulista - e de sua mantenedora, a Fundação Valeparaibana de Ensino (FVE) e tem reunido, ao longo dos anos, centenas de documentos históricos, entrevistas, vídeos e fotografias ligados à memória institucional. Busca-se evidenciar a importância da rede social como forma não só de alimentar acervos de memória, como repensar o seu potencial educativo a partir da instituição da história pública, que visa aproximar a instituição universitária da comunidade. Pautado na metodologia da netnografia e na experiência do CEHVAP, conclui-se que os meios digitais não só são meios que aproximam as instituições da comunidade, como esta se torna um dispositivo de retroalimentação do acervo institucional, ao estabelecer interação e disponibilização de suas memórias e lembranças relacionadas à instituição.

---

<sup>1</sup> Graduada em História, mestre em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade do Vale do Paraíba, cursando doutorado na mesma área. E-mail: maria.42246@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Possui graduação em História pela Universidade do Vale do Paraíba, Mestrado em História do Brasil pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1996) e Doutorado em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2001). Atualmente é professor doutor da Universidade do Vale do Paraíba, atuando na Graduação (Curso de História e Geografia) e na Pós-Graduação, como docente permanente do Mestrado e Doutorado em Planejamento Urbano e Regional, na Linha de Pesquisa "Sociedade, Espaço e Cultura". É coordenadora do Núcleo de Pesquisa "Pro-Memória São José dos Campos" e do Laboratório de Pesquisa e Documentação Histórica/ IP&D/UNIVAP. E-mail: papali@univap.com.br

<sup>3</sup> Possui graduação em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (1988), mestrado em História Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1994) e doutorado em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2008). Atualmente é professora dos cursos de licenciatura em História e Geografia e do Programa de Mestrado e Doutorado em Planejamento Urbano e Regional da Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP). E-mail: vzanetti@univap.com.br

<sup>4</sup> Pós-doutora e doutora em história pela USP. Coordenadora do curso de História da Univap - Universidade do Vale do Paraíba. Coordenadora do Pibid de História na Univap desde 2014. Coordenadora do Nupefe - Núcleo de Pesquisas de Formação de educadores, no IP&D- Instituto de Pesquisas da Univap, cujo foco é a produção de material didático de História. E-mail: prince@univap.com.br

**Palavras-chave:** Redes Sociais. Centros de Memória. Memória Institucional. História Pública. Netnografia.

**Abstract:** This descriptive study, based on qualitative and quantitative analysis through an experience report in the field of netnography, an ethnographic instrument that analyzes the publications of social groups on the Internet, aims to present the dissemination of the collection of the Center for History & Memory of the Universidade do Vale do Paraíba (CEHVAP/Univap) on the *facebook* social network and monitoring the page, with its metrics, since the year 2017, when the page was created. CEHVAP aims to manage the historical documentation of Univap - a non-profit community university, based in São José dos Campos, in the Universidade do Vale do Paraíba - and its maintainer, the Valeparaibana Teaching Foundation (FVE) and has gathered, over the years, hundreds of historical documents, interviews, videos and photographs linked to institutional memory. It seeks to highlight the importance of the social network as a way not only to feed collections of memory, but also to rethink its educational potential from the institution of public history, which aims to bring the university institution closer to the community. Based on the methodology of netnography and the experience of CEHVAP, it is concluded that digital media are not only means that bring community institutions closer together, but also become a feedback device for the institutional collection, by establishing interaction and availability of their memories and memories related to the institution.

**Keywords:** Social Networks. Memory Centers. Institutional Memory. Public History. Netnography.

## Introdução

Ao longo dos anos 2000, centros de memória institucionais e empresariais têm sido criados com o objetivo de coletar, analisar e preservar informações sobre as empresas ou entidades (PAZIN, 2015). Um acervo histórico não é importante somente porque aloja a memória social. Sua importância reside também na extroversão de seu patrimônio documental, ou seja, na divulgação do seu acervo por meio de promoção de ações educativas. Quando um acervo histórico é preservado, catalogado e tratado de forma adequada, ele se torna fonte de desenvolvimento de projetos e serviços e contribui com a difusão da imagem da instituição e de sua missão institucional, bem como promove a valorização de sua cultura organizacional e a gestão de documentos e conhecimento.

O Centro de História & Memória da Univap (CEHVAP), autorizado para funcionamento pelo Conselho da Instituição em 2011 e criado oficialmente pela reitoria pela Portaria Nº 33/R/2020, tem como objetivo principal a gestão documental e a reconstrução do processo histórico da criação da mantenedora, a Fundação Valeparaibana de Ensino (FVE) e da Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP) sua mantida.

O Centro busca preservar a memória por meio da constituição, preservação, digitalização e disponibilização de acervos documentais da instituição, como, também, por meio de documentação oral obtida de alunos, professores e ex-alunos da instituição, buscando fortalecer a identidade, a cultura organizacional e o sentimento de pertencimento dos seus funcionários e colaboradores. Ao público externo, o Centro de Memória da Universidade do Vale do Paraíba visa propiciar o conhecimento da trajetória institucional aumentando a visibilidade e o conhecimento da história da instituição pela comunidade. O acervo é constantemente divulgado na plataforma institucional da Univap e fornece informações para a população em geral e dados para os pesquisadores. CEHVAP

Foi pensando na divulgação das suas informações que o Centro de História & Memória da Universidade do Vale do Paraíba (CEHVAP) - instituição comunitária sem fins lucrativos localizada no município de São José dos Campos, sede da Região Metropolitana do Vale do Paraíba Paulista -, tem, ao longo dos anos, instituído como uma de suas missões, divulgar o acervo do Centro e a sua importância por meio de publicação de artigos referentes à memória institucional.

No entanto, apesar dessas publicações terem sido de grande importância para a divulgação do CEHVAP e da história institucional, o grande público que estava fora do âmbito acadêmico, não tinha acesso a essas informações. No intuito de alcançar uma maior abrangência, foi criada, em 2016, uma página na rede social que não só facilitou a divulgação do centro de memória institucional da Univap e de seu acervo, como aproximou a universidade da comunidade. A rede social, sobretudo o *Facebook*, também foi adotada por outras universidades como a UNICAMP, a UNESP, a USP, a UFRRJ e a UNIFESP que, de forma interativa, recebem respostas de vários usuários da rede. Seguindo o exemplo virtuoso dessas universidades, em 24 de junho de 2017 foi criada e publicada a página virtual do CEHVAP.

Esse artigo consiste em discorrer sobre a experiência da criação da página do CEHVAP - Centro de História & Memória da Univap na rede social *Facebook*, mensurar o acesso a suas publicações e medir o seu alcance. Para debater acerca da utilização da rede social como forma de aproximação da instituição universitária com a comunidade,

utilizou-se de literatura que apresenta a importância das páginas virtuais como ferramenta de complementação do ensino formal, apoiada na abordagem da História Pública. O período de abrangência do estudo vai de 2017, que compreende a criação da página virtual do CEHVAP, até 2020, em função do acesso aos dados anuais.

O estudo, baseado em análise descritiva, está pautado em relato de experiência de tentativa de extroversão do acervo patrimonial do Centro de História & Memória da Universidade do Vale do Paraíba, instituição sediada no município de São José dos Campos, no Estado de São Paulo. Utilizou-se como recurso a página do Centro de Memória, criada na rede social digital do Facebook para divulgação do acervo, bem como se utilizou das respostas interativas do Centro com os internautas.

Visando analisar o alcance da rede, foram feitas análises quantitativas dos acessos e alcance das publicações. Com o aporte da história pública, campo que propõe uma história para o público em geral, o estudo pautou-se na divulgação da história popular do passado e do presente da universidade em questão. Como referências, utilizou-se da produção acerca da importância das redes sociais e da etnografia virtual, ou netnografia, como campo de possibilidades para a pesquisa.

O texto foi estruturado em seções. Na primeira, buscou-se apresentar a importância das redes sociais para os estudos quanti-qualitativos e a netnografia como método de pesquisa validada pelos pesquisadores. Como o Centro de Memória institucional da universidade é o objeto de estudo, na segunda seção, apresenta-se a história de uma das mais importantes universidades comunitárias do Vale do Paraíba, razão pela qual se impulsionou a criação de um centro de memória. A quarta seção traz a descrição do acervo que consta no Centro de História e Memória da Universidade do Vale do Paraíba que permite ser um veículo de comunicação entre a universidade e a comunidade em geral. Na quinta seção, apresenta-se o relato de criação e o desempenho da página do Centro de História & Memória da Univap (CEHVAP), seguida das considerações e das referências.

## Considerações sobre a netnografia como método de pesquisa

A etnografia é um método utilizado na coleta de dados, cujo foco de estudo são os grupos sociais e se baseia na observação e no levantamento de suposições. Com o advento das novas tecnologias digitais surgiram novos meios de pesquisas e de coletas de dados virtuais, o que se convencionou chamar de Netnografia. Netnografia, portanto, é uma forma especializada de etnografia que se utiliza das comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural na Internet (KOZINETS, 2014).

A abordagem netnográfica é adaptada para estudar fóruns, grupos de notícias, blogs, redes sociais etc. Forma etnográfica adaptada às contingências específicas dos mundos sociais de hoje, mediadas por computadores, a netnografia ou "etnografia digital" vem sendo utilizada como um método de pesquisa especializado no ambiente virtual que tem se mostrado bastante eficiente, ao ampliar as fontes, não só de forma numérica quanto aumentou o espectro das categorias de análise, ao possibilitar múltiplas perspectivas de investigação e compreensão das comunidades, dos seus costumes, práticas e culturas no ciberespaço (OLIVEIRA, 2018, p. 196).

Como observou Ferraz, não é possível "desprezar a condição digital no contexto da cultura contemporânea" (2019, p. 48), nem tampouco desconsiderar as agregações sociais que emergem no ciberespaço para formar redes de relacionamentos pessoais e de conectividade. Nesse sentido, a etnografia, associada ao campo-online, traz novas possibilidades para análise e interpretação de dados, agora transcritos em plataformas digitais. O Facebook, por exemplo, armazena uma grande quantidade de dados brutos, ao projetar as atividades dos usuários da rede (Idem, p. 58) e, as interações sociais, realizadas nas redes sociais, permitem uma ampla análise qualitativa de seus dados.

De acordo com Skageby (2019), três procedimentos são comuns na coleta de dados na etnografia digital: coleta de dados (sites de busca, comentários de redes sociais, fóruns etc.); observação online (ingressar nos grupos de discussões nas redes sociais, ver as mensagens e arquivos publicados) e entrevistas, feitas ou não em tempo real. Ainda para o autor, essas observações podem ser feitas pelo pesquisador de forma

aberta, parcialmente aberta ou oculta. Na forma oculta, o pesquisador é integrante da comunidade, mas não faz publicações ou interferências, apenas lê o conteúdo. Já na aberta, o pesquisador é membro participante e atua ativamente com diálogos e debates (FERRAZ apud SKAGEBY, 2019, p. 61-62). No caso desta pesquisa, os pesquisadores, de forma “parcialmente aberta”, participam dos grupos, mas se comunicam com eles apenas formalmente e em momentos pontuais.

O Facebook é uma rede de interação que, assim como qualquer outro meio de comunicação, permite a interação e promove o diálogo entre vários interlocutores. Assim como a imprensa, as redes sociais virtuais se caracterizam como veículos onde circula boa parte das notícias e diálogos do cotidiano de uma sociedade. Partindo-se do princípio de que “todo documento é suporte de prática social, e, por isso, fala de um lugar social e de um determinado tempo, sendo articulado pela na intencionalidade histórica que o constitui (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 258), o Facebook, bem como outras redes sociais, se constitui como espaço de conversação que, por ser virtual, desprendido de um espaço físico, cria a possibilidade das conversações replicadas, ampliando a repercussão e o debate. De acordo com Recuero (2014, p. 116),

as características iniciais da mediação digital proporcionam que as conversações que são criadas nesses espaços sejam buscáveis e replicáveis independentemente da presença online dos atores. Com isso, as conversações tomam outra dimensão: elas são reproduzidas facilmente por outros atores, espalham-se nas redes entre diversos grupos, migram e tornam-se conversações cada vez mais públicas, moldam e expressam opiniões, geram debates e amplificam ideias.

O *Facebook*, assim como as demais redes sociais, é resultado dos avanços tecnológicos iniciados na década de 1970 e dinamizados a partir do final da década de 1990 e início de 2000. Para Manuel Castells (2002), a tecnologia não pode ser compreendida como decorrente da sociedade, mas sim como constituinte da própria sociedade. Para o autor, a revolução da tecnologia da informação tem sido determinante para ditar os rumos do nosso mundo, não só nos países mais ricos e tecnicamente avançados. Segundo Castells (2002, p. 44):

Meio inconscientemente, a revolução da tecnologia da informação difundiu pela cultura de nossas sociedades o espírito dos movimentos dos anos 60. No entanto, logo que se propagaram e foram apropriadas por diferentes países, várias culturas, organizações diversas e diferentes objetivos, as novas tecnologias da informação explodiram em todos os tipos de aplicações e usos que, por sua vez, produziram inovação tecnológica.

Pesquisadores da atualidade se debruçam para entender o alcance das redes sociais e suas reais influências na educação, buscando interpretar em que medida as redes sociais podem se constituir em vetores da ampliação da capacidade cognitiva e reflexiva de educandos. Ao que tudo indica, o ambiente das redes sociais favorece a aproximação entre professores e alunos, cria oportunidades de troca de informações, conhecimentos e conteúdo, dinamizando as possibilidades da sala de aula.

As redes sociais podem ser potencializadoras do aprendizado, uma vez que tais recursos tecnológicos estabelecem maior sintonia com os mais jovens, favorecendo a interlocução com novos conteúdos do conhecimento. É sem dúvida, uma metodologia que necessita ser mais explorada pelos professores. Pierre Levy (1999, p. 27), ao discutir sobre a relevância da tecnologia pondera que

o ciberespaço, dispositivo de comunicação interativo e comunitário apresenta-se justamente como um dos instrumentos privilegiados da inteligência coletiva. É assim, por exemplo, que os organismos de formação profissional ou de ensino à distância desenvolvem sistemas de aprendizagem cooperativa em rede. Grandes empresas instalam dispositivos informatizados de auxílio à colaboração e à coordenação descentralizada. Os pesquisadores e estudantes do mundo inteiro trocam ideias, artigos, imagens, experiências ou observações em conferências eletrônicas organizadas de acordo com os interesses específicos.

Vivemos, portanto, os resultados das mudanças iniciadas em décadas anteriores. Temos hoje uma nova proposta de organização social, sem dúvida, muito mais rápida, dinâmica e, em certo sentido, líquida, como nos ensinou Bauman (2001); uma sociedade liquefeita que se renova e se reproduz constantemente, em constante reorganização e formulação de novos hábitos. Essa condição nos remete ao conceito de *habitus*, desenvolvido por Bourdieu (1983). Segundo o filósofo, *habitus* seria aquilo que permite a naturalização e normatização dos indivíduos em sociedade, e que se atualiza constantemente. É a ideia de se entender como natural e aceitável o comportamento

incorporado ao longo de sua utilização, cujas redes sociais se tornam expressão e evidências desses *habitus*, celeiro de possibilidades para os pesquisadores que se utilizam da netnografia como recurso para seus estudos.

### **Breve história da Universidade do Vale do Paraíba (Univap)**

A Universidade do Vale do Paraíba tem sua sede na cidade de São José dos Campos, SP. O município de São José dos Campos possui atualmente uma população de 629.921, conforme o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (IBGE,2010), estimada para 729.737 mil habitantes, com densidade demográfica de 572, 96 hab/km<sup>2</sup> e uma população urbana de 97,6%, e rural, 2,4% com grau de urbanização intenso. É a principal cidade da RMVP (Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte) localizada a sudoeste, a 94 km da cidade de São Paulo e a 338 km da cidade do Rio de Janeiro, abrigando 27,9% da população da região.

São José dos Campos é constituída por três distritos: Sede (São José dos Campos), Eugênio de Melo e São Francisco Xavier; e subdividido administrativamente em seis regiões, sendo: Centro, Sudeste, Oeste, Norte, Leste e Sul. Em seu processo histórico, o município foi uma cidade sanatório, administrado por prefeitos sanitaristas nomeados pelo governo estadual entre 1935 e 1958 (ZANETTI, 2012). São José dos Campos tornou-se um polo industrial e tecnológico a partir de década de 1950 em diante, reforçando a partir daí seu papel também na área da educação.

Autorizada para funcionamento pelo MEC em 1992, a Universidade do Vale do Paraíba (Univap), foi criada a partir dos cursos superiores que compunham as Faculdades Integradas de São José dos Campos, cujo primeiro curso, a Faculdade de Direito, foi criado em 1954. Com três *campi* localizado em São José dos Campos, a Univap hoje também abriga colégios de ensino fundamental e médio.

Em 1963 foi criada a Fundação Valeparaibana de Ensino (FVE) com o objetivo de gerir o curso da Faculdade de Direito de São José dos Campos e criar outros cursos superiores em São José dos Campos. A FVE é a mantenedora da Univap e de seus colégios, além de possuir um Parque Tecnológico e uma Incubadora de Empresas, localizados no Campus Urbanova, na região oeste da cidade. Desde o seu primeiro

estatuto registrado, em 24 de fevereiro de 1964, a Fundação Valeparaibana de Ensino é uma instituição de direito privado, sem fins lucrativos e voltada à Assistência Social na área da educação, ou seja, é caracterizada por ser uma entidade civil de utilidade pública. Luiz Carlos Andrade de Aquino (2017, p. 23) reforçou que a criação das universidades comunitárias, sem fins lucrativos, geralmente foi fruto da

Iniciativa de setores da sociedade civil, muitas vezes com o apoio do poder público local, visando suprir a oferta de educação superior pública em regiões e localidades do interior do país. Em geral, essas instituições são mantidas por pessoas jurídicas de direito privado sem fins lucrativos (fundações ou associações) e exercem atividades voltadas estritamente à educação. Conhecidas também como universidades comunitárias regionais, essas instituições passam a ser caracterizadas por muitos estudiosos como públicas não estatais.

Em 1986, ano de implementação do plano cruzado, ocorreu um importante acontecimento para a FVE rumo à concretização da Universidade de São José dos Campos: a criação do curso de Geografia e da Universidade do Vale do Paraíba. No ano de 1987, o número de vestibulandos passou de 2250 em 1986 para 3500 em 1987 e o número de alunos matriculados saltou de 4600 para 5170. Conseqüentemente, a Univap teve que aumentar seu quadro docente de professores de tempo parcial que passou, de 248, para 263 e, de 21 professores de tempo integral, para 23 (CEHVAP).

Em 1989, o Conselho Federal de Educação (CFE) aprovou que as Faculdades Integradas de São José dos Campos se transformassem em Universidade, o que ocorreu em 9 de abril 1992, quando foi criado o Conselho Deliberativo da Fundação Valeparaibana de Ensino que elegeu, para um mandato de quatro anos, o reitor e o vice-reitor da Univap, apossados no dia 8 de maio de 1992. Mediante a Portaria Ministerial nº. 510, publicada no Diário Oficial da União em seis de abril de 1992, por recomendação do Conselho Federal de Educação pelo Parecer nº. 216/92, a universidade passou a ser uma das instituições mantidas da Fundação Valeparaibana de Ensino (FVE), segundo informa o Plano de Desenvolvimento Institucional (UNIVAP, PDI, 2021).

Logo no primeiro ano da UNIVAP, em 1993, a universidade já contava com 221 professores, 40 doutores, 61 mestres, 92 especialistas e 28 graduados. Em 1994, no

seu terceiro ano de funcionamento, a instituição contava com um total de 8 mil alunos e 28 cursos. O ano de 1995 foi o ano que marcou o início do *Campus Urbanova* da UNIVAP, com um total de 9741 alunos matriculados.

Em relação às habilitações oferecidas pela UNIVAP em 1995, no Instituto de Ciências Humanas funcionaram os seguintes cursos: Ciências Sociais, Comunicação Social, Geografia, História, Letras e Pedagogia; no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, os cursos de Administração, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Direito, Secretariado Executivo e Serviço Social; no Instituto de Ciências Exatas, os cursos de Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Física e Matemática; e no Instituto de Ciências Biológicas, os cursos de Ciências Biológicas, Educação Física e Odontologia. No ano de 2002, a UNIVAP já contava com seis institutos, inclusive um de Pesquisa e Desenvolvimento (IP&D), bem como 27 cursos de graduação em sete faculdades. Atualmente, a maior infraestrutura da UNIVAP se concentra no *Campus Urbanova*, onde funcionam, desde 2013, os 57 cursos universitários divididos nas modalidades bacharelado, licenciatura e profissionalizante (CEHVAP).

### **Centro de História e Memória Institucional da Univap (CEHVAP)**

Para o desenvolvimento desta seção, parte-se do princípio que não existe história sem o estudo das pessoas, estas localizadas em um tempo e em um espaço definidos. Já dizia Bloch, a história “é a ciência dos homens no tempo; (p. 55)”. O tempo dá a inteligibilidade aos fenômenos; é no tempo que entendemos os fatos históricos, pois somente o contexto pode nos auxiliar a compreender os acontecimentos. Da mesma forma, não há história que se imprima fora de um espaço, seja ele na sua forma física, social, política e imaginária. Espaço e tempo são as categorias que plasmam os fenômenos.

São as pessoas que dão forma à sociedade, às instituições políticas e culturais. Não tem como falar da história das instituições sem falar das pessoas que estão envolvidas com elas. Nesse sentido, são de grande importância pesquisas de interesse não só sobre os processos de constituição de instituições ou entidades, como o fazer

cotidiano no seio desses agrupamentos. A relação que as pessoas estabelecem com as instituições reproduz práticas sociais que constituem memórias. Se a instituição existe, “a memória se plasma. É prenante. Constitui marcas, rastros ou traços que contém informações. Substâncias formadas. Em estado caótico ou virtual, a informação é embrião” (COSTA, 1997, p. 11 - 12).

Nesse sentido, para fins desse artigo, o que seria a memória institucional? Segundo Costa (1997, p. 9), “a memória institucional é um permanente jogo de informações que se constrói em práticas discursivas dinâmicas” e, as instituições, são formas de saber-poder, constituem informação e “funcionam como memória arquivo, formas que reproduzem informação, produtora de memórias” (IDEM). Uma instituição é, pois, uma obra coletiva, uma criação social, cultural. Composta de agenciamentos coletivos, uma instituição se institui no seio das relações sociais, substrato que constitui o patrimônio imaterial institucional que se retroalimenta dos diferentes sentidos atribuídos a ela.

Dessa forma, memória não é aqui entendida como mera repetição do passado, mas como informações retidas que passaram pelo filtro individual, que foram organizadas e recriadas no presente, dentro de um processo dinâmico (COSTA, 1997, p. 121). O homem é feito de memórias. A memória é a fonte da história. Pierre Nora (1993, p. 9) já dizia que a memória está “aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, do inconsciente de suas deformações sucessivas, vulneráveis a todos os usos e manipulações, suscetíveis a longas latências e de repentinas revitalizações”. Memória, para Nora, é “a recordação ou o conjunto de recordações, conscientes ou não, de uma experiência vivida e/ou mitificada por uma comunidade viva cujo sentimento do passado faz parte integrante de sua identidade” (NORA, 1993, p. 39).

A memória, constituída pela história oral, contribui para a renovação da história social, dando oportunidade de fala aos anônimos que formam as comunidades e as instituições. Se memória é tempo e o tempo é criador de experiências e de realidades, podemos dizer que a memória é a base do conhecimento, resultante das experiências e das interações sociais. Ao mesmo tempo em que se constitui como fenômeno histórico, as memórias se revelam também como fontes históricas. Foi partindo desse princípio

que um grupo de historiadoras, certas de que a memória institucional é um conjunto de múltiplas memórias individuais e coletivas, propuseram a criação do Centro de Memória Institucional da Universidade do Vale do Paraíba, na certeza que a memória, por mais que seja individual, se enraíza nas comunidades sociais concretas (Halbwachs, 1994).

No entanto, um centro de memória não basta existir; ele precisa fazer sentido. Resume-se a esse objetivo aquilo que os estudiosos convencionaram chamar de história pública. Esse campo reconhece que a história deve ter uma maior abrangência, além das escritas e dos espaços destinados aos historiadores profissionais. O termo, utilizado nos EUA a partir de 1970, refere-se à atuação e métodos de historiadores a fim de fazer uma história para o público em geral, uma história popular do passado. A história pública, de forma simples,

refere-se à atuação dos historiadores e do método histórico fora da academia: no governo, em corporações privadas, nos meios de comunicação, em sociedades históricas e museus, até mesmo em espaços privados. Os historiadores públicos estão atuando em todos os lugares, empregando suas habilidades profissionais, eles são parte do processo público. Uma questão precisa ser resolvida; uma política pública precisa ser elaborada; o uso de um recurso ou uma atividade precisa ser melhor planejada – eis que os historiadores serão convocados para trazer à baila a questão do tempo: isso é História Pública (KELLEY, 1978, p. 90).

Essa é a proposta deste artigo, evidenciar a importância da história pública por meio da contextualização das diferentes experiências, capazes de abrigar múltiplas relações identitárias com as diferentes instituições, que acabam, por sua vez, se constituindo em formadoras de identidades. No caso específico deste artigo, o acervo do CEHVAP tem sido um dispositivo das memórias que, pelos bits numéricos, são passíveis de leituras quantificáveis das postagens virtuais mediadas pelo Centro de Memória Institucional da Universidade do Vale do Paraíba.

Além do acervo documental relacionado às questões institucionais e acadêmicas, parte do Acervo do CEHVAP é composto por fontes iconográficas, vídeos e entrevistas. Em observância aos princípios éticos, o Centro de memória, no que concerne à realização das entrevistas, está apoiado pelo Comitê de Ética da Pesquisa da Univap por meio do projeto do Laboratório de Pesquisa e Documentação da mesma

instituição. Nesse sentido, a entrevista só é realizada depois do consentimento do participante e de sua autorização para publicação do material.

Composto por 149 mil fotografias, o acervo iconográfico do CEHVAP possui fotos de formandos desde 1958, salas de aula, laboratórios, eventos institucionais e fotos dos prédios dos diversos *campi* da Univap: os colégios Univap, localizados no *Campus Aquarius*, na região oeste; no *Campus Paraibuna*, no centro da cidade; e na *Villa Branca*, na cidade de Jacareí; a Faculdade de Direito, localizado no *Campus Castejón* e a Universidade do Vale do Paraíba, localizada no *Campus Urbanova* (Figura 1).

**Figura 1.** Vistas parciais dos Campi da Univap



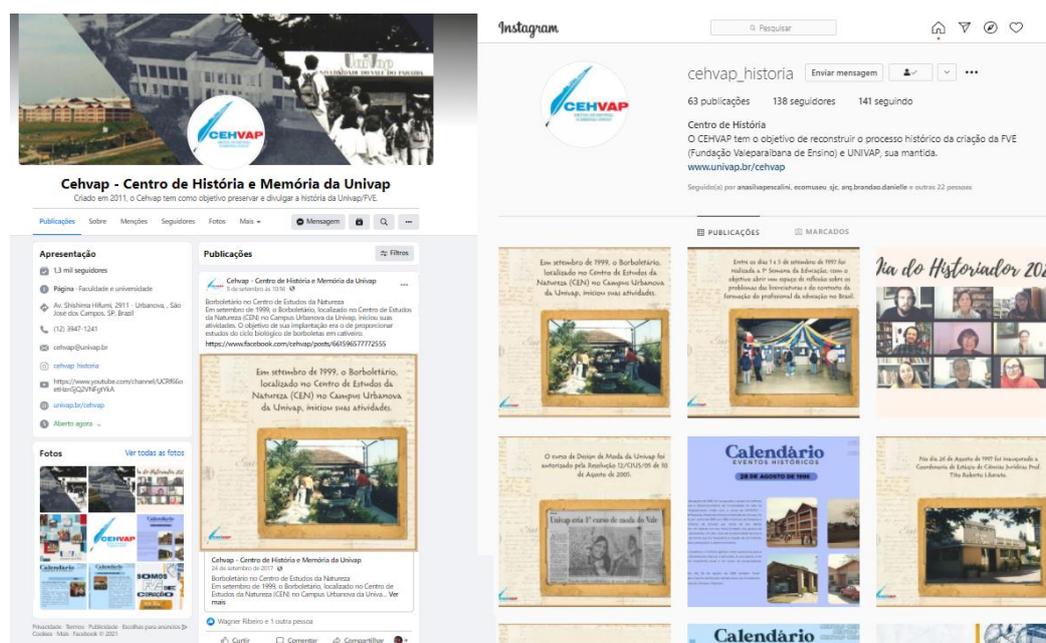
Fonte: Diálogo Univap.

## **Criação e desempenho da página do Centro de Memória da Univap no Facebook**

Utilizando a metodologia da etnografia digital, é possível ter acesso a opinião dos diversos usuários de uma determinada rede social. Dessa forma, as redes sociais auxiliam os estudos a partir da netnografia. Conforme observou Malini (2016, p. 5), o adensamento das interações nas redes sociais "fazem emergir ricos pontos de vistas coletivos capazes de influir nos sentidos dos acontecimentos sociais".

Na página do CEHVAP na rede social Facebook, decidimos que seriam publicadas fotografias dos Campi e de suas construções, assim como informações referentes a eventos que aconteceram na Univap/FVE desde a criação de seu primeiro curso, em 1954. As informações sobre esses eventos foram reunidas a partir do material produzido pela Pró-reitoria de Cultura e Divulgação de circulação interna como o Diálogos Informativos, os Boletins e os Jornais que estão atualmente higienizados, catalogados e digitalizados no CEHVAP. As publicações que são feitas no Facebook também são feitas no Instagram, tendo em vista que muitos usuários de redes sociais têm preferido o Instagram ao Facebook (MONTEIRO, 2021).

**Figura 2.** Imagem do perfil do CEHVAP no Facebook e no Instagram.



Fonte:  
Diálogo  
Univap.

Para discutir sobre o alcance das publicações do Facebook, utilizou-se das estatísticas disponíveis no Facebook. Uma vez que a primeira publicação da página foi no dia 22 de junho, as estatísticas deste mês correspondem a apenas oito dias, enquanto considerou-se o mês completo de junho e agosto. Na tabela 1 constam os dados dos meses, quantidade e o alcance das publicações; ou seja, o número de pessoas que visualizou a publicação nos anos de 2017, 2018, 2019 e 2020.

**Tabela 1.** Levantamento quantitativo da página do Facebook do ano 2017.

Mês	Quantidade de publicações	Alcance
Junho	17	42.372
Julho	28	48.072
Agosto	41	36.531
Setembro	27	33.410
Outubro	36	17.820
Novembro	31	50.854
Dezembro	28	29.748
<b>Total</b>	<b>208</b>	<b>258.807</b>

Fonte: As autoras

**Tabela 2.** Levantamento quantitativo da página do Facebook do ano 2018.

Mês	Quantidade de publicações	Alcance
Janeiro	21	2.239
Fevereiro	11	5.236
Março	19	12.073
Abril	11	281
Maiο	6	2.974
Junho	12	120
Julho	15	3.429
Agosto	1	8
Setembro	3	17
Outubro	12	16
Novembro	10	20
Dezembro	5	13
<b>Total</b>	<b>136</b>	<b>26.426</b>

Fonte: As autoras

**Tabela 3.** Levantamento quantitativo da página do Facebook do ano 2019.

Mês	Quantidade de publicações	Alcance
Janeiro	4	5.381
Fevereiro	8	7.278
Março	9	6.804
Abril	11	9.284
Maiο	5	1.080
Junho	5	779
Julho	0	0
Agosto	1	226
Setembro	7	845
Outubro	3	368
Novembro	7	642
Dezembro	2	248
<b>Total</b>	<b>62</b>	<b>32.935</b>

Fonte: As autoras

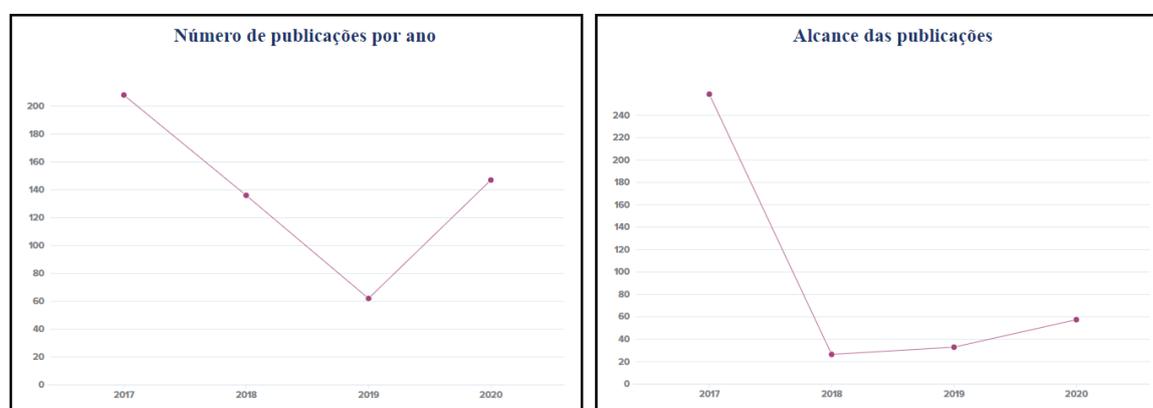
**Tabela 4.** Levantamento quantitativo da página do Facebook do ano 2020.

Mês	Quantidade de publicações	Alcance
Janeiro	5	9.443
Fevereiro	3	363
Março	9	953
Abril	8	672
Maio	11	8.596
Junho	16	12.224
Julho	14	5.542
Agosto	15	16.124
Setembro	22	1.529
Outubro	14	717
Novembro	15	757
Dezembro	5	527
<b>Total</b>	<b>147</b>	<b>57.447</b>

Fonte: As autoras

A partir desses dados foram elaborados dois gráficos. O Gráfico 1 mostra a quantidade de publicações entre os anos 2017 (208), 2018 (136), 2019 (62) e 2020 (147). O segundo gráfico mostra o alcance das publicações que, no ano de 2017, teve o maior alcance, com 258.807 mil e 2018 o menor, com 26.426 mil. No ano de 2019 constam 32.935 mil visualizações e, em 2020, 57.447 mil.

**Gráfico 1:** Representação do número e alcance de publicações entre 2017 e 2020.



Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados do Facebook.

Com a finalidade de ligar os usuários em rede, o Facebook é uma rede social com participação massiva que tem possibilitado novas formas de utilização e criação de conteúdo, motivando a aprendizagem por meio desse novo ambiente dinâmico (FERNANDES, 2011, p.1 - 2). Parte da rotina de jovens e adultos, as tecnologias de comunicação e informação podem complementar o ensino formal, além de ampliar e

interatividade e flexibilidade no processo educacional (JULIANI, 2012, p. 2). Como observam Andrade et al (2012), o desconhecimento e comodismo de determinados profissionais da área da educação os levam a não entender a importância desta ferramenta no processo de aprendizagem - embora não seja a solução dos problemas da educação, a relação estabelecida entre os usuários e as redes sociais não pode ser descartada como uma "possibilidade de construção do conhecimento" (ANDRADE et al, 2012, p. 304).

Apesar do ano de 2017 registrar o maior número de publicações (208), seguido pelo ano de 2020, com 147 publicações, nota-se uma diferença gritante no tocante ao alcance das publicações: enquanto o primeiro ano da página do CEHVAP no *Facebook* alcançou mais de 258 mil pessoas, no ano seguinte, o alcance caiu para 26 mil, subindo em 2019 para 32 mil e, em 2020, para 57 mil. A queda no número do alcance e na interatividade tem sido alvo de interesse dos administradores de páginas virtuais. Uma empresa de negócios digitais em São Paulo chegou a algumas conclusões: o feed de notícias, ou seja, a quantidade de publicações no *Facebook* está crescendo rápido, tornando difícil que cada publicação tenha espaço e destaque na rede social; além disso, o *Facebook* tem se tornado uma plataforma de *marketing* pago, de forma que é necessário pagar por anúncios para alcançar um maior número de pessoas (THOMAZ, 2020). Ou seja, para alcançar o público-alvo de uma página, é necessário complementar a página do *Facebook* com uma publicidade paga.

Para não precisarmos pagar por divulgação, a equipe do CEHVAP tem optado por outras formas de melhorar o alcance da página, como utilizar o compartilhamento das publicações em grupos voltados para a história da cidade, como o “Resgatando S. José dos Campos” (com pouco mais de 108 mil membros) e “São José dos Campos Antigamente” (com pouco mais de 45 mil membros). A quantidade de alcance e comentários de uma publicação, ao ser divulgada nesses grupos, é muito grande. Uma fotografia do Laboratório de Processamento de Dados da Fundação Valeparaibana de Ensino em 1983, publicada na página do *Facebook* do CEHVAP em 8 de maio de 2021, teve apenas 7 curtidas, 6 compartilhamentos e nenhum comentário. No entanto, ao ser

compartilhada no grupo São José dos Campos Antigamente, a publicação teve 198 curtidas e 11 comentários.

Os usuários da página normalmente comentam postagens relacionadas à sua faculdade ou formação na Instituição, ao seu conhecimento sobre a história dos *Campi* e dos laboratórios em específico. Seguem alguns comentários<sup>5</sup>:

- a) Bons tempos! Fiz o curso de Processamentos de dados da Univap em 85. Primeira turma formada.
- b) Tb me formei na Univap em proc. dados, mas no ano de 1993.
- c) Cursei Economia na Fundação Valeparaibana de Ensino de 81 a 84. Primeiras aulas de informática que o monitor era televisão ... Há 40 anos...
- d) Tbm me formei em Proc. Dados. Já nem lembro mais quando!!
- e) Trabalhei como Analista de Sistemas no Laboratório de Processamento de Dados da FVE entre janeiro/1992 e agosto/1993.
- f) Registro maravilhoso, e aí era o comecinho desta tecnologia fantástica que muito ainda vai evoluir, parabéns pelo registro.
- g) Lembro do meu primeiro computador quando fazia programação era sistema da Prologica CP300, CP500, TK95 kkkkkkk.

O alcance e a interação dos membros desses grupos reforçam a ideia de que, para pensar a sociedade contemporânea, é necessário a implicação da relação dos sujeitos e da tecnologia (MARCON et al, 2012, p. 1). O compartilhamento, um recurso do *Facebook* que permite que o usuário compartilhe uma publicação em seu perfil, em um grupo ou de amigos, potencializa o alcance de postagens pelos atores. Assim, a dinâmica das redes de comunicação digital na sociedade contemporânea é uma possibilidade que tem que ser analisada e avaliada como uma nova lógica interativa e comunicacional (Idem, p. 2).

Estando vinculada à história da formação acadêmica de grande parte da região, a história da Universidade, de seus cursos e da Fundação Valeparaibana de Ensino, está ligada a diversos tempos, espaços e memórias das pessoas que nela viveram e se relacionaram. Carregando uma multiplicidade de significados, a documentação do CEHVAP se insere no campo da História Pública, onde se permite esboçar uma reflexão da história e seus inúmeros públicos, que carregam múltiplos significados.

---

<sup>5</sup> Disponível em <<https://www.facebook.com/groups/sicantigamente/posts/3748938928488462/>> Acesso em 03 out. 2021.

Em estudo sobre os diferentes centros de memória existentes na Univap, que inclui o CEHVAP. ZANETTI et. al. (2020, p. 324) afirmaram que

o compartilhamento das fontes fotográficas de tempos passados da instituição, publicadas no *facebook*, tem trazido à tona episódios dialógicos das experiências vividas pelos grupos que se reconhecem nas e pelas fotografias. Os *insights* da subjetividade, em conjunto com as descobertas compartilhadas, vão trilhando caminhos de memórias que os dispositivos das imagens acionam. Essas experiências nos permitem, não só recolher informações das conjecturas daquele espaço e daquele tempo, como nos permitiu perceber as emoções, sensações e as múltiplas relações dos sujeitos com a instituição e deles com eles mesmos. As fotos mostraram o poder das fotografias como promotoras de contatos perdidos pelo tempo e pela distância que a dinâmica da vida imprimiu na história de cada um.

### Considerações Finais

A página do CEHVAP no *Facebook* se tornou um recurso pedagógico para promover interação, colaboração e participação de informações do Centro de Memória Institucional da Univap. As redes sociais fazem parte do dia a dia de jovens e adultos e precisam ser utilizadas e apropriadas por instituições de ensino.

Por meio da experiência, observou-se que a divulgação das fotografias referentes aos cursos da Universidade do Vale do Paraíba trouxe recordações que evidenciaram sentimentos de pertencimento, como se a comunidade de ex-alunos da Universidade fosse despertada em suas lembranças, acionando a memória de outros tempos. Como enfatiza Le Goff, as sociedades se vinculam ao passado, embora as mudanças sejam inevitáveis. Nesse sentido, as redes sociais se encarregam de recuperar fragmentos pretéritos, tendo como suporte técnico ferramentas do presente. Foi possível constatar que o Facebook colabora com a redução das distâncias sociais, possibilitando o diálogo entre indivíduos que não teriam outra maneira de se aproximarem, favorecendo assim maior sintonia entre os grupos.

Constatou-se também a relevância da utilização da etnografia digital ou netnografia como metodologia consistente na obtenção de dados para estudos, uma possibilidade alavancada pelas características globalizantes disseminadas pelas redes sociais.

**Referências**

AQUINO, Luiz Carlos Andrade de. *O agir comunitário na Univap: limites e possibilidades*. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Metodista de Piracicaba, 2017.

ANDRADE, Polyana Bittencourt; AZEVEDO, Denio Santos; DÉDA, Talita de Azevedo. Práticas de ensinagem e redes sociais na *internet*: um estudo de caso do Facebook como ambiente de aprendizagem. *3º Simpósio Educação e Comunicação*, 17 a 19 de setembro de 2012, Anais. Disponível em: <<http://geces.com.br/simposio/anais/anais-2012/Anais-301-316.pdf>> Acesso em: 19 jul. 2017.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina do Historiador: conversas sobre História e Imprensa. *Revista Projeto História*, nº35, 2007.

FERRAZ, Claudia Pereira. A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, São Paulo, v.12, n.35, p. 46-69, jun.-set. 2019.

FERNANDES, Luís. *Redes Sociais Online e Educação: Contributo do Facebook no Contexto das Comunidades Virtuais de Aprendentes*. Lisboa, 2011. Disponível em: <[http://www.trmef.lfernandes.info/ensaio\\_TRMEF.pdf](http://www.trmef.lfernandes.info/ensaio_TRMEF.pdf)> Acesso em: 19 jul. 2017.

JULIANI, Douglas Paulesky; JULIANI, Jordan Paulesky; SOUZA, João Artur de; BETTIO, Raphael Winkler de. Utilização das redes sociais na educação: guia para o uso do Facebook em uma instituição de ensino superior. *Revista Renote - Novas Tecnologias na Educação*. V. 10 N° 3, dezembro, 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/36434/23529>> Acesso em: 19 de jul. 2017.

KELLEY, Robert. Public history: its origins, nature, and prospects. *The public historian*, p. 16-28, 1978.

KOZINETS, Robert. V. *Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 2014.

- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. 5 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MALINI, Fábio. Um método perspectivista de análise de redes sociais: cartografando topologias e temporalidades em rede. *XXV Encontro Anual da Compós*, p. 1-30, n. 2016.
- MARCON, Karina; MACHADO, Juliana Brandão; CARVALHO, Marie Jane Soares. Arquiteturas Pedagógicas e Redes Sociais: Uma experiência no Facebook. *23º Simpósio Brasileiro de Informática na Educação (SBIE 2012)*. Disponível em: <<http://brie.org/pub/index.php/sbie/article/view/1693/1454>> Acesso em: 19 de jul. 2017.
- MONTEIRO, João. *Audiência do Instagram é 40% maior que a do Facebook*. Disponível em: <https://noticiasconcursos.com.br/audiencia-do-instagram-e-40-maior-que-a-do-facebook/> Acesso em 09 set. 2021.
- OLIVEIRA, Irabel Lago. Etnografia digital: o uso das TIC na pesquisa social, novos métodos de observar. *Tabuleiro de Letras*, v. 12, n. 1, p. 190-203, 2018.
- PAZIN, Márcia. *A importância dos centros de memória para as instituições e para a sociedade*. Publicado em 12/08/2015. Publicação digital, sem número de página. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/explore/blogs/centros-de-memoria-2/a-importancia-dos-centros-dememoria-para-as-instituicoes-e-para-a-sociedade/>> Acesso em: 19 de jul. 2017.
- UNIVAP/Universidade do Vale do Paraíba. Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI 2021 – 2025. Disponível em: [https://www.univap.br/intranet/administracao/noticias/20210409085206\\_ncGOEDA UwuAk.pdf](https://www.univap.br/intranet/administracao/noticias/20210409085206_ncGOEDA UwuAk.pdf). Acesso em 31 ago. 2021.
- RECUERO, Raquel. Curtir, Compartilhar, Comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. *Revista Verso e Reverso*, XXVIII (68): 2014.
- THOMAZ. *Afinal, por que o alcance orgânico diminuiu?* Publicação em 06/05/2020. Disponível em: <https://www.webthomaz.com.br/conteudo/afinal-por-que-o-alcance-organico-diminuiu>. Acesso em 23 ago. 2021.
- ZANETTI, Valéria. *Cidade e Identidade: São José dos Campos, do Peito e dos Ares*. São Paulo: Annablume, 2012.
- ZANETTI, Valéria Regina; SILVA, Maria Helena Alves da; PAPALI, Maria Aparecida; SILVA, Ana Eneidi Prince. Lugares de Memória: Relatos de Experiência de Criação de Espaços Carregados de História. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*. Uberlândia, vol. 33 n.1,

jan/jun. 2020. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/53018/29403>. Acesso em 26 ago. 2021.

Submetido em 26.10.2021 – Aceito 01.12.2021